

Ideologia Antigênero, Cenas Fantasmáticas e Paixões Fascistas: entrevista com Judith Butler

Bruno Reinhardt¹

Jean-Michel Landry²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

²Carleton University, Ottawa, Ontario, Canada

Resumo

Nesta entrevista, discutimos as motivações que levaram Judith Butler a escrever “*Quem tem medo do gênero?*”, seu diagnóstico sobre a emergência e o significado do movimento da ideologia antigênero, a inserção desse movimento em um contexto mais amplo de crise das democracias liberais e de difusão em larga escala de paixões fascistas, bem como as condições de possibilidade de uma política de coalizão capaz de conter o ímpeto autoritário do presente e resgatar o futuro.

Palavras-chave: Extrema Direita; Ideologia Antigênero; Cena Fantasmática; Paixões Fascistas; Políticas de Coalizão.

Anti-Gender Ideology, Fantasmatic Scenes, and Fascist Passions: an Interview with Judith Butler

Abstract

In this interview, we discuss the motivations that led Judith Butler to write *Who's Afraid of Gender?*, the emergence and significance of the anti-gender ideology movement, its place within a broader context of liberal democratic crisis and the large-scale spread of fascist passions, as well as the conditions of possibility for coalition politics capable of countering the authoritarian momentum of the present and reclaiming the future.

Keywords: Far Right; Anti-gender Ideology; Phantasmatic Scene; Fascist Passions; Coalition Politics.

Recebido em: 13/03/2025

Aceito em: 09/06/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

Judith Butler dispensa longas apresentações. Seu trabalho inovador sobre gênero, linguagem, corpo e poder reformulou debates contemporâneos nos campos do feminismo, da teoria queer e da filosofia política. Mais reconhecida por sua intervenção decisiva no feminismo da terceira onda e na teoria de gênero – condensada no clássico “*Problemas de Gênero*” (1990) –, a obra de Butler ampliou seu escopo desde então, e passou a englobar temas como a relação entre ética e vulnerabilidade, a precariedade e o luto, a política da não violência, a vida política das assembleias, entre outros. Seus escritos têm oferecido recursos cruciais para as lutas contemporâneas por justiça e equidade. Em um cenário marcado pela reversão de direitos via pânicos morais e imposição de barreiras à liberdade e à resistência política, eles permanecem mais urgentes do que nunca.

Em seu livro mais recente, “*Quem tem medo do gênero?*” – publicado em 2024 e traduzido no mesmo ano para o português – Butler analisa a crescente reação neoconservadora global contra os estudos de gênero, os direitos LGBTQIA+ e os movimentos feministas (Butler, 2024). Em uma época em que “gênero” se tornou um fantasma e um ponto de inflamação nas batalhas políticas e culturais, Butler examina criticamente os medos e as ansiedades que alimentam esses conflitos, revelando como eles estão imbricados em disputas mais amplas sobre democracia, autoritarismo e justiça.

Nesta entrevista, realizada em 25 de novembro de 2024, por videoconferência, discutimos as motivações que levaram Butler a escrever “*Quem tem medo do gênero?*”, seu diagnóstico das forças políticas e ideológicas que resistem à inclusão de gênero na atualidade e como tais forças se inserem em um contexto mais amplo de crise das democracias liberais e difusão em larga escala de paixões fascistas. Butler também refletiu conosco sobre a campanha eleitoral de Donald Trump, os ataques genocidas do Estado de Israel ao povo palestino e as condições de possibilidade de uma política de coalisão apta a conter o ímpeto autoritário do presente e resgatar o futuro.

Bruno Reinhardt e Jean-Michel Landry (B&JM): Gostaríamos de começar pelo final do livro. Na seção de agradecimentos, você menciona que este projeto teve início no Brasil, em 2017, como resposta aos protestos e aos episódios de violência simbólica e física que marcaram sua visita ao país naquela ocasião. O que mais lhe chamou a atenção nesses acontecimentos? E de que maneira essa experiência desaguou em “*Quem tem medo do gênero?*”?

Judith Butler (JB): Mesmo antes de ser queimada em efígie em São Paulo, eu certamente sabia que havia um movimento de ideologia antigênero que era

de direita e que estava espalhando sua mensagem por várias igrejas. Eu tinha amigos, colegas na Bélgica e na França e certamente no Brasil e no Chile que estavam estudando esse movimento e documentando a legislação antigênero ou a revogação da legislação progressista que assegurava a igualdade de gênero ou certos tipos de liberdade de gênero, proteção contra discriminação, assédio, violência contra mulheres, gays e lésbicas, contra trans e travestis. Eu, portanto, estava ciente do movimento e participei de algumas conferências. Eu não era ignorante, mas pensava: “Ah, eu não estou fazendo esse tipo de trabalho, mas outras pessoas estão fazendo esse trabalho e estão fazendo muito bem”. E elas também são treinadas em ciências sociais, o que não é o meu caso. Sou formada em filosofia e leciono principalmente literatura. Mas, obviamente, frequento as ciências sociais com bastante frequência, mas não tenho um método acadêmico para analisar os movimentos de direita. O que me ocorreu na época, quando vi os slogans furiosos das pessoas que se opunham a mim em São Paulo, foi que havia algo muito passional acontecendo, uma fúria irracional, sobre a qual eu precisava pensar, porque o ódio a algo chamado “gênero” e a caracterização de mim como o diabo ou uma força demoníaca, por exemplo, me afetavam pessoalmente, mas não eram exatamente pessoais.

Butler, ou meu nome completo, representava algo chamado gênero e diziam que eu estava nas origens dessa “ideologia”, uma exportação indesejada do Norte Global que ameaçava seduzir ou arruinar as crianças, a família e a igreja em toda a América Latina. Assim, percebi que eu havia sido demonizada, mas também entendi que eles estavam mirando em vários movimentos sociais ao mesmo tempo, e que eles eram abreviados sob a categoria “gênero”. Eles também estavam mirando em vários campos acadêmicos, em correntes culturais que permitiram que os jovens pensassem de forma experimental sobre o gênero que gostariam de ser, ou por qual pronome ou nome gostariam de ser chamados. As multidões furiosas também estavam muito irritadas com o que chamavam de “feminismo” e com a correspondente desestabilização da família patriarcal pela qual o feminismo era considerado responsável. Paternidade gay, famílias gays, adoção por gays e lésbicas, assistência médica para transgêneros, acesso à tecnologia reprodutiva; várias questões sociais obviamente eram uma preocupação crescente para eles há algum tempo. Vi e ouvi claramente que eles consideravam algo chamado “ideologia de gênero” como uma força demoníaca, e que eu era o exemplo contemporâneo do diabo, ou seu reaparecimento contemporâneo. Como cristãos que querem proteger a família, as crianças e a igreja, era sua obrigação, se não uma espécie de necessidade existencial, expulsar a encarnação simbólica do gênero do país, pois somente se livrando do demônio seria possível restaurar uma ordem que seria regulada por Deus e pela lei natural, pela política familiar heteronormativa e pela heterossexualidade. E o sexo designado no nascimento seria mais uma vez concebido como imutável, natural, necessário e dado por Deus. Então, eu tinha que entender o que estava acontecendo nessa cena. O que estava organizando essas paixões e quais eram seus objetivos.

Ao considerar essa cena, em que eu mal conseguia reconhecer a noção de “gênero” a que eles se opunham, percebi medo, mas também raiva, ódio e algum desejo assassino, como diriam os freudianos. Senti aquele sopro quente de desejo assassino em minha pele quando estava subindo a escada rolante do aeroporto para me entregar à segurança. Depois de tudo isso, comecei a entender de forma mais séria e abrangente a variação global do movimento de ideologia antigênero e sua relação com o autoritarismo emergente e, em alguns casos, motivado pelo que chamo de paixões fascistas.

B&JM: O livro trata do que você chama de ideologia antigênero. Você poderia descrever o que é isso? Talvez traçando sua trajetória mais recente nos EUA, mas também em todo o mundo. Como ela se tornou central para tantos movimentos de direita no mundo?

JB: Sim. Bem, é claro que o movimento contra o gênero, a ideologia antigênero, chegou muito tarde aos EUA. Eu estava ciente de como ele estava operando na Europa. Eu o havia encontrado na França e, há 20 anos, também na Suíça, onde as pessoas fizeram uma pequena manifestação contra mim. Eu estava ciente dos pronunciamentos católicos, ou seja, do Vaticano, desde a década de 1990, porque eu havia sido indiretamente identificado como um dos alvos naquela época. Portanto, eu tinha uma noção do que era esse movimento, mas era raro um cidadão americano ou uma pessoa que vivia nos Estados Unidos ter uma compreensão do que era esse movimento, porque não o tínhamos ou não fazia parte da cobertura da mídia que atingia um público mais amplo. Na verdade, o gênero já havia se tornado tão comum como parte da política pública que, para muitos de nós, havia perdido sua qualidade controversa nos EUA. Ao mesmo tempo, porém, estava se tornando cada vez mais controverso, se não incendiário, em várias conferências promovidas pelo *World Congress of Families*¹ [Congresso Mundial das Famílias] e em meio de certas redes digitais evangélicas e católicas de direita. Portanto, essas várias conferências que se reuniam para tratar da religião, das famílias, sempre realizavam seminários sobre o movimento de ideologia antigênero. E, mais uma vez, as apresentações afirmavam que se tratava de uma ideologia destrutiva, como o totalitarismo, e que não apenas destruiria a doutrina da igreja, mas também confundiria as crianças ou as prejudicaria, ou obrigaria as pessoas a mudar de sexo quando não quisessem, ou instruiria os jovens a se tornarem homossexuais nas aulas de estudos de gênero. Todas essas afirmações eram falsas, mas como entender a qualidade exagerada desse alarme? Quero dizer, elas eram manifestamente falsas e podiam ser demonstradas como falsas. E, no entanto, não importava se eram falsas ou verdadeiras, pois estavam servindo a outro propósito.

Eles reuniam algumas ansiedades que as pessoas estavam tendo sobre o *status* e a estrutura duradoura de suas famílias, o futuro do planeta e seu próprio futuro. E essas ansiedades e medos foram agrupados e redirecionados não apenas contra o gênero, mas também contra algo chamado “estudos étnicos” ou “estudos

¹ NT: O *World Congress of Families* (WCF) é uma organização internacional conservadora fundada em 1997, que promove uma agenda ancorada em valores “pró-vida”, antidireitos LGBTQIA+ e a defesa do que define como “família natural”, composta por um homem e uma mulher heterossexuais unidos pelo casamento. O WCF atua em rede com grupos religiosos e políticos de direita em diversos países e tem desempenhado um papel importante na articulação global do movimento antigênero.

raciais” ou “teoria crítica da raça” ou o ensino da história da escravidão ou da história da colonização, todos agora extremamente controversos. Portanto, digo tudo isso porque foi somente por meio de alguns desses encontros internacionais nesses vários Congressos Cristãos que pessoas da Europa Oriental, especialmente Viktor Orbán, ou pessoas da América Latina, e penso nos teólogos argentinos como importantes aqui, convergiram e começaram a fazer incursões nas igrejas evangélicas conservadoras dos Estados Unidos. E, é claro, vimos que esse movimento antigênero surgiu como uma questão explícita nos EUA recentemente em relação ao reconhecimento legal de transgêneros e aos direitos dos jovens de obter acesso a cuidados de afirmação de gênero. Dou crédito a DeSantis², na Flórida, por ter transformado a “ideologia de gênero” em um termo comumente utilizado, mas também a vários especialistas de direita que incorporaram o termo de redes de igrejas保守adoras e reacionárias. E assim ele passou a fazer parte da política contemporânea dos EUA. O ex-vice-presidente Pence, por exemplo, reuniu-se com Viktor Orbán e o elogiou. A CPAC³ nos EUA recebeu instruções e incentivo da Europa Oriental sobre como fazer isso.

E, curiosamente, a instrução do Leste Europeu também estava alinhada com a crítica russa ao gênero como um ataque aos valores espirituais nacionais, uma campanha que Masha Gessen documentou, e que vem ocorrendo há muito tempo⁴. E não estou dizendo que essa é a origem do movimento da ideologia antigênero nos EUA, mas certamente é um canal pelo qual ele chegou aos EUA. Agora vemos nas redes evangélicas que “gênero” é uma palavra terrível ou aterrorizante. Muitos que se opõem ao gênero pensam nele como política trans. Acham que se trata de identidade de gênero. Seu gênero é sua identidade, e não aquela que Deus determinou ao nascer. É claro, gênero é um termo muito mais complicado do que isso. Se pensarmos nele em termos acadêmicos, é uma forma de descrever todo um campo de poder em que diferentes tipos de desigualdades são reproduzidos e diferentes tipos de exclusões são mantidos. Mas a maneira como o gênero é pensado entre seus oponentes excitados não é como um campo de estudos que tem um ou vários modelos complexos de compreensão, mas realmente apenas como identidade e, principalmente, como trans. É lamentável que, às vezes, entre meus aliados trans, eles também pensem em gênero como identidade, e assim perdemos as estruturas feministas muito mais dinâmicas, nas quais o gênero é parte de um terreno complexo de poder e precisa ser pensado dessa forma, uma estrutura para analisar a identidade, e não a identidade em si.

² NT: Ron DeSantis é governador da Flórida desde 2019. Filiado ao Partido Republicano, DeSantis ganhou destaque por uma agenda conservadora robusta: implementou restrições ao aborto, limites à participação de pessoas trans em esportes femininos, proibiu o ensino sobre orientação sexual e identidade de gênero nas séries iniciais (“Don’t Say Gay”), e promoveu políticas pró-“direitos parentais”, anti-antirracistas, e anti “woke” em escolas e universidades.

³ NT: A Conservative Political Action Conference (CPAC) é a maior conferência anual da direita norte-americana, organizada desde 1974 pela American Conservative Union. Reúne lideranças políticas, ativistas, intelectuais e representantes de movimentos conservadores dos Estados Unidos e de outros países, funcionando como plataforma de articulação ideológica e estratégica do conservadorismo contemporâneo, com destaque para pautas como nacionalismo, liberdade religiosa, combate à “ideologia de gênero” e oposição ao liberalismo cultural.

⁴ NT: Masha Gessen é jornalista e intelectual russo-americana, conhecida por sua atuação crítica contra regimes autoritários, especialmente o governo de Vladimir Putin, e por sua defesa dos direitos LGBTQIA+.

Não estou acompanhando muito a opinião pública após a eleição de Trump⁵. Mas vejo que há um discurso que sustenta que Trump venceu porque disse que Harris era aliada dos “*they-them*”⁶. Acho que há um esforço para transformar o apoio tímido do Partido Democrata aos direitos trans em sua ruína ou alguns dizem que suas políticas antiéticas em relação aos migrantes, que não são tão duras quanto deveriam ser, são a razão pela qual o Partido Democrata perdeu. A conclusão é: ah, devemos odiar mais abertamente as pessoas trans e os migrantes, e isso nos levará à Casa Branca da próxima vez. Não, mas quem seríamos nós se chegássemos à Casa Branca por esses meios? Não seríamos diferentes de Trump. E é óbvio que esse não é o caminho a seguir. Mas despertar esse tipo de medo em relação a crianças trans ou migrantes ou juntar as duas coisas e dizer, como fez a campanha de Trump, que Harris realizará ou permitirá cirurgias trans em migrantes, é um amálgama perfeito – histérico, falso e eficaz.

É um amálgama perfeito e todo mundo sabe que é falso, mas seu valor de verdade não é o que atrai as pessoas. O que as motiva é a forma como reúne e explica suas ansiedades e medos profundos para que tenham uma única imagem e possam dizer não a ela, embarcando em uma prática de negação que instrumentaliza a retirada de direitos, a retirada de direitos legais para pessoas trans, a concordância ou o cumprimento da deportação em massa de migrantes que o ICE⁷ iria realizar. Agora, se você tem poderes estatais desse tipo que estão reunindo migrantes e deportando-os do país, e você tem uma paixão fascista que está ajudando a consolidar o poder estatal de um determinado tipo, que tipo de eliminacionismo está sendo direcionado às pessoas trans? A ordem executiva contra o “extremismo” da ideologia de gênero efetivamente retira o apoio federal ao reconhecimento legal de pessoas trans e intersexuais – e também não binárias. E, embora essa entrevista tenha ocorrido no final de novembro de 2024, vimos que os ataques à assistência médica de afirmação de gênero e aos direitos das pessoas trans de participar de esportes já estão sendo implementados, e livros são removidos das bibliotecas, e universidades e organizações sem fins lucrativos estão mudando sua linguagem de financiamento e pesquisa⁸. O plano que está sendo implementado agora foi desenvolvido pela Heritage Foundation em seu documento, *Project Esther*, que serve como pós-escrito letal do *Project 2025*.⁹ Uma vasta rede de “apoiadores do Hamas” agora inclui todos os tipos de organizações sem fins lucrativos que têm como alvo a perda de financiamento. E universidades que são submetidas a exigências extorsivas

⁵ NT: A entrevista aconteceu entre a segunda eleição de Donald Trump e a sua tomada de posse.

⁶ NT: Modo caricatural de se referir aos grupos não binários nos Estados Unidos da América.

⁷ Immigration and Customs Enforcement (ICE) é a agência de imigração e alfândega dos Estados Unidos, responsável por fazer cumprir as leis de imigração. A ICE conduz operações de detenção, deportação e vigilância de imigrantes, e tem sido alvo de fortes críticas por violações de direitos humanos, detenções em massa e separação de famílias, especialmente durante os governos Trump, mas não apenas.

⁸ NT: Frase adicionada em junho de 2025, a pedido de Butler, assim como as quatro frases que seguem.

⁹ *Project 2025* é uma iniciativa divulgada em 2023 e coordenada pela Heritage Foundation e outros grupos conservadores nos Estados Unidos. O documento tinha a finalidade de preparar um eventual retorno de um governo republicano à Casa Branca. O projeto visa reformular amplamente o Estado americano, promovendo uma agenda ultraconservadora que inclui a centralização do poder executivo, a substituição em massa de funcionários públicos por aliados ideológicos, a reversão de políticas ambientais e de diversidade, e a ênfase em valores cristãos tradicionais na formulação de políticas públicas. Muitas dessas medidas estão sendo implementadas pelo governo de Donald Trump desde a sua segunda eleição.

para fechar departamentos e programas e contratar acadêmicos israelenses etc., como vimos no caso da Universidade de Columbia. Já estamos vendo esse tipo de padrão fascista em que as paixões são exacerbadas, independentemente da verdade ou falsidade do que é dito. E os poderes do Estado, especialmente os poderes militares e policiais, estão sendo ampliados. Acho que temos muito a temer e contra o que lutar. Mas tenho certeza de que estou me desviando do assunto aqui...

B&JM: De maneira alguma. Foi excelente. Você elaborou sobre o tipo de operação de bode expiatório da qual você foi um objeto direto, e então você a desvelou como um movimento global, organizado em torno de um princípio geral, que constrói equivalências por meio do pânico social, e agora você está falando que talvez estejamos entrando em um novo período histórico, certo? Algo está acontecendo. Artificialmente, temos que fazer essas perguntas lineares. Mas o ponto final do livro é justamente endereçar essas amplas mudanças sociais e como elas utilizam algo que chamam de “gênero” como um fantasma para poder avançá-las.

JB: Acho que o que aconteceu comigo no Brasil foi apenas uma alegoria para uma violência muito mais generalizada que as pessoas que vivem lá estão enfrentando o tempo todo, e que eu ouvi, especialmente de pessoas trans e travestis. E vamos dizer isso sobre o Brasil também. Também há comunidades fabulosas, certo? Comunidades incríveis, com grandes redes de solidariedade e apoio umas às outras. Elas também organizaram manifestações contrárias ao ataque, escreveram para mim e me mandaram flores. Quero dizer, essa comunidade existe há muito tempo no Brasil. E esse é um problema que existe há muito tempo. O gênero não veio da América do Norte. Quero dizer, meu Deus, veja a tradição das *drag queens*, das travestis e das lésbicas e o quanto o Rio é e sempre foi *queer* e qual é a complexidade de gênero nas ruas. Se alguma coisa, eu aprendo mais com o que está acontecendo em um lugar como São Paulo, na cena artística, ou no Rio, na vida noturna, sobre gênero, do que tenho para ensinar, certo? Eles têm muito mais a me ensinar. E quando estive na Bahia também foi incrível, porque aprendi todo tipo de coisa, especialmente a interseção de gênero e religião e espiritualidade e as formas como a narrativa do tráfico de escravos é contada e recontada, é extremamente interessante. É uma estrutura totalmente diferente para pensar sobre o que é e o que pode ser o gênero ou como ele significa.

B&JM: Na introdução, você faz essa interessante afirmação de que a controvérsia atual sobre gênero não pode ser reduzida a um debate público. Você disse que não estamos em um debate público de forma alguma. Isso nos chamou a atenção porque, como você sabe, nas ciências sociais e nas humanidades críticas, gostamos de debates, certo? Nós intervimos em debates. E você está dizendo: “Não, não, não, isso é outra coisa, isso não pode ser reduzido a um debate público”. E você traz essa noção de cena fantasmática que, de certa forma, rompe a lógica, e talvez a lógica liberal, do debate público. O que você acabou de dizer sobre esse amálgama de medos deixa bastante claro que já passamos do ponto do debate público. Trata-se de outra coisa.

JB: Sim. Bem, o problema é que talvez isso tenha mais a ver com a argumentação. Em outras palavras, como acadêmicos, somos treinados para pensar que se tivermos um conflito com alguém e tivermos uma interpretação diferente do mundo, queremos saber qual é o argumento dessa pessoa para podermos responder de forma informada. Queremos saber como a pessoa que discorda de nós demonstra o argumento dela e queremos apresentar um contra-argumento que consideramos persuasivo porque tem evidências ou é internamente coerente ou corresponde a algo que as pessoas podem concordar intersubjetivamente como uma característica do mundo. Mas a paixão e a trajetória dos defensores da ideologia antigênero é que, às vezes, há debates, especialmente nos círculos teológicos, mas, na maioria das vezes, é um antidebate.

Em outras palavras, é um antiargumento. É uma noção diferente do que é o mundo e do que está destruindo o mundo. E é capturado por imagens e medo, e previsões terríveis de destruição ou danos. Ele não para [e pergunta] se tudo isso é verdade. Não para [e diz]: “Ok, bem, isso parece muito assustador. Mas quais são as evidências? Alguém está inventando isso? Ou há provas?” Mas o fato é que, por dar forma à ansiedade e ao medo, muitas pessoas se sentem aliviadas e felizes em seguir essa forma porque isso lhes dá companhia, confirma a sensação de que algo está muito errado e que podemos responsabilizar algo chamado gênero ou teoria racial crítica ou imigrantes pelo que está realmente errado. E não precisamos ter uma teoria elaborada, não precisamos ter uma educação, precisamos apenas confiar nessa ideia recebida, talvez ela venha da igreja e tenha autoridade, mas talvez não tenha, talvez venha da mídia social e tenha um tipo diferente de atração eletrizante. Assim, as pessoas habitam esses fantasmas e os fantasmas as habitam, e os fantasmas também dão uma espécie de forma ou ordem temporária ao que sentimos como ansiedade e medo. Se eu chegassem e dissessem, bem, na verdade, o gênero não é nem de longe tão assustador quanto você diz, mas o que é realmente assustador é a destruição do planeta. E se olharmos para o Brasil, ou para os oleodutos no Canadá, podemos ver o que está destruindo nosso mundo.

Destruição ecológica, capitalismo como estrutura que produziu diferenças cada vez maiores entre ricos e pobres, guerra ou militarização – todas essas coisas que eu teria dedicado tempo para explicar mais detalhadamente são qualificadas como motivos plausíveis para se pensar que não há futuro para o modo de vida de alguém, ou talvez os modos de vida que tomamos como garantidos estejam desestabilizados de maneiras extremas. Eu diria que é muito mais provável que essas sejam as coisas pelas quais todos nós estamos radicalmente desestabilizados, em vez de gênero, raça, imigrantes e coisas do gênero. Mas, para fazer com que alguém ouça esse ponto de vista, é preciso esvaziar a cena fantasmática que o domina e mostrar como esse fantasma está funcionando como uma figura organizadora e também como uma forma de restaurar a ordem ou a autoridade. Como sabemos, esses dois desejos podem, em casos extremos, ser formas de instalar regimes autoritários.

B&JM: E parece que esses fantasmas, muitos deles, não funcionam de forma autônoma. Eles estão conectados uns aos outros. Você mencionou a imigração, mencionou as teorias sobre raça e racismo, e poderíamos acrescentar o medo do Islã,

que estão trabalhando juntos, e a força deles não vem apenas do que representam, mas da maneira como se conectam. Atualmente, testemunhamos uma proliferação dessas cenas fantasmáticas. Muitas pessoas falam que as mídias digitais são um canal por meio do qual encontramos essas coisas, experimentamos essas coisas, transferimos essas coisas. Mas como você explicaria o fato de estarmos vivendo em um mundo em que as ideias não são mais debatidas como argumentos, mas sim como paixões e medos? Isso não é exatamente novo, mas parece que vivemos em um momento em que há muito disso.

JB: Bem, deixe-me dizer que acho que as pessoas já estão vivendo com certos medos e ansiedades, e talvez até com ódio, acreditando que estão sendo substituídas por algum outro grupo ou que suas vidas estão em perigo devido às escolhas de alguém. Assim, elas aceitam noções simplistas e odiosas sobre quem é responsável ou o que é responsável por qualquer que seja seu sofrimento e ansiedade. O movimento da ideologia antigênero oferece várias dessas respostas, e por vários meios. Eles têm, por exemplo, campanhas como o ônibus do ódio, na Espanha (financiados pela Hazte Oír) e na Cidade do México, e isso se espalhou de diferentes maneiras em diferentes partes do mundo¹⁰. E há variantes do movimento de ideologia antigênero. Lembremos que eles não estão defendendo a mesma coisa em todas as partes do mundo. Mas quando fazem isso, eles dão forma às ansiedades existentes e, ao dar forma a elas, também as reformulam e as intensificam. Eles as reformulam para que não se tornem apenas uma ansiedade flutuante, mas o medo do imigrante, o medo do muçulmano, o medo da mãe lésbica, do garoto trans que gostaria de receber aconselhamento. Portanto, há uma reformulação do medo e da ansiedade existentes e, em seguida, um redirecionamento e uma intensificação que acontece, não em sequência, mas, na verdade, em um único movimento complexo ou ato de agrupamento. E é preciso um pouco de tempo para entender o que está acontecendo com o planeta. Se estivermos estudando a catástrofe climática, quero dizer, mesmo sendo uma pessoa instruída, o que tive de ler e pensar para finalmente entender o que estava sendo dito sobre a destruição do planeta? Demorou um pouco. Tive que repensar muitas de minhas suposições básicas. Tive de jogar fora meu humanismo nascente. Tive que pensar em histórias geológicas e nas formas como o planeta está interconectado, nos combustíveis fósseis. Quero dizer, isso não é fácil. E não tenho certeza se as pessoas têm paciência para ouvir sobre como o capitalismo avançado e sua desregulamentação sob o neoliberalismo ajudaram a produzir devastação na política planetária.

Mas isso também depende de nós, de certa forma, precisamos garantir que esse tipo de material seja acessível e que forneça um relato plausível do que está acontecendo. Para que as pessoas possam se mobilizar de uma maneira diferente,

¹⁰ NT: Hazte Oír é uma associação civil espanhola fundada em 2001. De orientação ultracatólica e ultraconservadora, ela atuou inicialmente com o lobby “pró-vida” e “pró-família” e notabilizou-se por campanhas contra o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a educação sexual nas escolas e eventualmente abraçou a ideologia antigênero, com foco em ataques contra pessoas trans. A organização ganhou em 2013 o status de utilidade pública pelo governo espanhol, conferindo-lhe vantagens fiscais e acesso consultivo à ONU, embora tenha perdido esse reconhecimento mais tarde em função de denúncias por discriminação e campanhas consideradas de ódio. A Hazte Oír tem ligações com o grupo ultraconservador mexicano El Yunque e com a rede internacional CitizenGo, sendo responsável por ações de mobilização como o “ônibus da liberdade de expressão”, que percorre as cidades divulgando supostas informações sobre a “ideologia de gênero”.

não por meio de ordens estatais fascistas, passionais e autoritárias, mas talvez por meio de um tipo diferente de ética ou medo de perder o planeta e o caráter interconectado dos processos vivos. Quero dizer, uma coisa é dizer isso em um ambiente acadêmico, outra coisa é deixar isso claro para as pessoas em sua vida cotidiana, que, por uma série de razões, inclusive de classe, nem sempre têm acesso a uma educação que lhes ensine habilidades críticas. Em minha opinião, existe uma espécie de obrigação de pedagogia pública, não de forma paternalista, mas de forma que se conecte com as pessoas onde elas vivem e no idioma que falam.

Além disso, uma cena fantasmática é diferente do fantasma. O fantasma no movimento da ideologia antigênero é o gênero, mas a cena fantasmática é aquela em que há várias posições, por exemplo, alguém está sendo prejudicado por outra pessoa. Nesses casos, Freud nos diz, na *Interpretação dos Sonhos*, que quando você tem um sonho e há diferentes atores, eles estão agindo uns sobre os outros ou foram agidos. Há sempre uma sintaxe que está ordenando a cena dessa forma. Esse sonho faz sentido. E faz sentido porque, digamos, esse personagem é um substituto para outra coisa na psique ou essa ação é, na verdade, uma reversão da ação que aconteceu no dia anterior ou há um deslocamento ou condensação, de modo que uma pessoa em vigília é encoberta por uma imagem ou sequência de sonho. Em outras palavras, é preciso aprender a interpretar esse sonho sem tomá-lo como um mero reflexo da vida cotidiana. Como se pudéssemos ser literalistas em relação aos sonhos, e algumas pessoas são, e às vezes eu já fui. Mas nem sempre a pessoa que fez X está em sua vida real. A pessoa sonhada pode ser eu, ou parte de mim, ou uma cifra de algum tipo.

No movimento da ideologia antigênero, afirma-se que as crianças estão sendo prejudicadas pelas escolas que ensinam gênero. Bem, vamos apenas pegar os elementos dessa proposição e dizer: ok, as crianças estão sendo prejudicadas? Onde as crianças estão sendo prejudicadas? Bem, a igreja diz que as crianças estão sendo prejudicadas nas escolas. Mas elas estão protegidas pela igreja contra as escolas? E quanto aos danos cometidos pela igreja contra as crianças? Talvez as crianças sejam mais prejudicadas pela igreja e pela doutrina que recebem, ou pelo abuso sexual que sofrem, ou pela falha em reconhecer e reparar esse abuso sexual. Portanto, é preciso perguntar um pouco mais sobre a cena, por exemplo, o que está sendo transposto? O que está sendo invertido? Quem está substituindo quem? A igreja alega que as crianças estão sendo prejudicadas nas escolas para desviar a atenção da história bem documentada de crianças abusadas pela igreja? Assim, os movimentos de ideologia antigênero dizem, como fazem, que devemos proibir os livros porque, caso contrário, as crianças serão prejudicadas, e é preciso fazer a pergunta: proibir livros não é uma forma de prejuízo? Será que as crianças terão uma compreensão complexa de seu mundo sem livros para ler que as ajudem a entender? Portanto, de certa forma, as alegações que ouvimos contra o gênero são confissões de uma autoridade, ou talvez formas de deslocar a culpa de uma autoridade que causou danos ou diminuir esses danos por meio de um deslocamento e reversão – bode expiatório e negação. E no caso em que os jovens estão sendo privados de assistência médica, de livros, de acesso à educação, de conselheiros,

bem, essas são privações de bens públicos básicos, o tipo de bens públicos aos quais os jovens deveriam ter direito idealmente: educação, assistência médica, apoio comunitário. Mas privar os jovens de todos esses serviços e bens é um ato muito significativo de privação de direitos. E, é claro, a mais óbvia de que trato no livro é aquela em que Giorgia Meloni, Primeira-Ministra da Itália, adverte que os ideólogos de gênero vão despojá-lo de seu sexo natural, da sua identidade sexual, diz ela. E ela, de fato, desde que assumiu o poder, proibiu várias jurisdições locais de honrar petições de mudança de sexo por parte de pessoas trans ou de retirar-lhes os direitos que já receberam no governo anterior. E essa política está sendo implementada agora em vários lugares no norte da Itália, recusando-se a aceitar dois pais do mesmo gênero como pais legítimos. Meloni não permitirá que as certidões de nascimento dessas crianças sejam ratificadas com dois pais do mesmo gênero. Isso significa que as crianças que não têm certidões de nascimento registradas estão efetivamente sob custódia do Estado, caso o Estado queira tirá-las de suas famílias. As famílias passam a ser informais e não mais legais e as crianças não têm mais pais. E o poder do Estado é aumentado. Aumentado, de novo. Então, quem está despojando quem de sua identidade sexual? Quando ela diz que os ideólogos de gênero vão despojá-la, você, presumivelmente uma boa mulher cristã que aceita e gosta muito da atribuição de sexo que lhe foi dada no nascimento, quando diz isso, também está confessando que está recusando os direitos legais já obtidos por pessoas trans ou por gays e lésbicas que buscam adotar ou criar filhos juntos ou mesmo se casar. Novamente, há uma inversão complexa da cena. E é isso que quero dizer com a cena fantasmática. Diferentes elementos da cena carregam certos tipos de poderes e são organizados para defender um caso, mas não por meio de uma forma argumentativa. É nosso trabalho ler o público fantasmático de uma forma que Freud não fez, mas é preciso aprender a fazer isso. E não estou dizendo que devemos aprender tudo com Freud, mas acho que ele nos dá algumas pistas sobre como proceder.

B&JM: O Papa Francisco tem colocado os direitos sociais e ambientais na agenda global, enfrentando críticas internas e externas. E, no entanto, quando se trata de gênero, ele segue seu antecessor e, na verdade, a maior parte da extrema direita global. Esse é o efeito de um hiato duradouro entre o que Nancy Fraser chamou de políticas de redistribuição, ligada à economia e ao trabalho, e políticas do reconhecimento, ligadas à identidade? Como você concilia essas duas vertentes em seu pensamento? É uma falsa dicotomia?

JB: Então, deixe-me começar com Francisco. Parece-me que o papa foi influenciado de forma interessante pela teologia da libertação na Argentina, o que não quer dizer que ele tenha sido um seguidor. Há algumas décadas, era um movimento forte, que ligava a injustiça da pobreza à obrigação cristã de superar essa injustiça. Portanto, qualquer pessoa que se preocupasse com a pobreza, com os indígenas, com os deslocados ou com os posseiros na Argentina teria sido profundamente afetada pela teologia da libertação e aspiraria a alcançar maior igualdade e liberdade econômica, especialmente para aqueles que são mais vulneráveis na sociedade. E acho que sabemos que a teologia da libertação teve alguns defensores muito

importantes, tanto política quanto filosoficamente. Mas também é importante observar que as igrejas que antes eram orientadas principalmente pela teologia da libertação foram substituídas, nos últimos 30 anos, por comunidades muito mais conservadoras. Pelo menos dentro do catolicismo, agora temos uma pedagogia e um programa cultural muito mais à direita do que antes. Mas o que é interessante sobre o Papa Francisco é que ele carregou um pouco da linguagem dos teólogos da libertação. E isso incluía principalmente a preocupação com os pobres, a defesa das culturas locais contra o imperialismo e o mandato ético da Igreja de estender a mão a todos aqueles que estão realmente sofrendo neste mundo. Por um lado, isso lhe deu o direito de ser chamado de progressista e, por outro lado, muitas das ideias “progressistas” da esquerda foram rapidamente nomeadas e condenadas como imperialismo cultural, tomando emprestado novamente as preocupações de uma esquerda mais recente. Portanto, ele poderia, ocasionalmente, soar como um anti-imperialista compassivo e razoável que não quer que os centros urbanos do norte global imponham normas culturais às pessoas pobres do sul. Parece correto condensar a terrível arrogância do Norte, com certeza, e se opor a uma reprodução cultural da desigualdade social e econômica. Parece bom. Parece familiar, repetindo as cadências da esquerda. Soa semelhante à crítica da esquerda a certas campanhas de direitos humanos que pensam estar simplesmente defendendo direitos universais quando, na verdade, estão impondo um conjunto muito específico de valores dos centros metropolitanos do norte global a uma grande variedade de pessoas para as quais esses valores não são apenas estrangeiros, mas aversivos, e parecem mais dominação e intrusão. Na França, é claro, eles achavam que o gênero era uma espécie de McDonaldização. Portanto, não se tratava tanto de imperialismo cultural aqui, mas sim de um produto americano grosseiro. Nesse caso, sua própria arrogância cultural estava em jogo na rejeição do gênero, um tipo de recusa esnobe em nome de uma cultura superior.

Como vocês podem ver, isso funciona de muitas maneiras diferentes, dependendo da estrutura geográfica. A história colonial e as aspirações atuais já haviam reestruturado o parentesco no Sul Global. Portanto, a versão da família e do casal que Francisco defendeu como “local” foi um produto do colonialismo, um tipo específico de colonização cristã de gênero, sexualidade e parentesco. E o Papa Francisco também circulou com hipérboles extremas, certo, sugerindo que qualquer simpatia aparente com valores progressistas era um vitríolo odioso. A ideologia de gênero, disse ele, é como a juventude de Hitler. É como o vírus Ebola, em suas palavras. Ou uma bomba atômica. Em outras palavras, exagerando da forma mais assustadora possível a força destrutiva dessa ideologia de “gênero”. Então, como esse tipo de demonização hiperbólica funciona em relação ao resíduo da teologia da libertação? Os pobres representam em suas vidas familiares, ou melhor, em uma versão idealizada de suas vidas familiares, a lei natural dada pela doutrina cristã. Especificamente, uma doutrina cristã do homem e da mulher como algo dado por Deus e que incorpora a lei natural. Mas temos que fazer outra pergunta: por que haveria tanto interesse em retornar a uma ideia de lei natural neste momento da modernidade tardia? Por que alguém se basearia em uma noção de natureza do século XVII? Há um conflito ainda maior porque o Papa Francisco se

preocupa com a ecologia, certo? Esse gênero é antiecológico porque se trata de cultura e não de natureza. Mas então a natureza que ele está defendendo não é a interdependência das criaturas vivas com o solo e o ar, o que talvez ofuscasse a distinção entre formas de vida humana e animal e até mesmo bacteriana. A natureza que ele está defendendo é uma noção do século XVII de lei natural, aquela que estabelece diferenças imutáveis entre macho e fêmea, não os lixões tóxicos que agora ameaçam a Terra. Além disso, não conheço nenhuma doutrina ecológica que se baseie em uma noção de lei natural do século XVII. Portanto, há uma escorregadaria noção de natureza nesse caso, uma vez que a ordem da natureza que ele busca preservar contra a destruição é aquela que estipula o sexo imutável dado por Deus, não o terreno baldio tóxico produzido por plásticos, emissões de carbono e extrativismo corporativo...

B&JM: Desculpe interromper, mas isso é muito interessante. Ele de fato publicou vários documentos teológicos importantes sobre animais não-humanos e ecossistemas, cuja noção de natureza está de fato próxima de um paradigma ecológico mais complexo. Mas parece que ele adota um conceito de natureza completamente diferente quando se trata do debate sobre sexo/gênero. É uma contradição bastante evidente e um duplo-vínculo.

JB: É um duplo vínculo. Mas, sabe, mesmo mais recentemente, acho que foi em 2018 ou 19, o Vaticano publicou um artigo semiacadêmico bastante longo sobre a diferença entre um feminismo baseado na diferença sexual – não em qualquer sentido, sabe, sem Lacan, sem Irigaray, sem “*differences sexuelles*”, nada disso, apenas a ideia biológica reducionista e excludente de diferença sexual – e um “feminismo de gênero”. Isso significa que ele aceitou um feminismo sem gênero e que está em conformidade com as doutrinas existentes sobre a complementariedade dos性os. Assim, o Vaticano entrou no debate dos anos de 1990 sobre diferença sexual versus gênero e decidiu a favor da diferença sexual, não a ideia de Jacqueline Rose de que a diferença sexual não tem resposta¹¹. É uma questão enigmática. Não é isso que eles têm em mente. Mas, de qualquer forma, acho que talvez possamos entender isso por meio da ideia de Naomi Klein sobre o *doppelganger* na política¹², em que a ala direita está se apropriando de certa linguagem da esquerda para produzir um efeito esquerdista e, ao mesmo tempo, promover uma política conservadora, se não reacionária. As pessoas dizem: “Ah, mas o Papa Francisco disse coisas muito bonitas sobre os gays!” Mas o Papa Francisco também disse coisas realmente terríveis sobre os gays. Mas você pode ficar confuso com a sobreposição de linguagem e talvez até, se eu estiver certo, com a maneira inconsistente pela qual o discurso da teologia da libertação ainda aparece dentro de uma moralidade sexual e de gênero bastante direitista.

Não sei se isso se relaciona com o ponto de vista de Nancy Fraser, exceto para dizer que acho que a ideologia antigênero está buscando a restauração de uma ordem sexual ou patriarcal que nunca existiu de fato. E que, ao querer essa restauração, ela também está querendo renaturalizar as desigualdades sociais e certas liberdades

¹¹ NT: Consulte, por exemplo, Rose (1986).

¹² NT: Refere-se a Klein (2023).

consideradas “excessivas” e, portanto, que precisam de restrições. Portanto, há um esforço político para minar as lutas pela liberdade, se me permitem, ou as lutas pela igualdade, que é extremamente importante entender... Não sei... acho que algumas pessoas nos deram uma explicação econômica de como isso funciona, inclusive alguns teóricos políticos australianos, como Melinda Cooper, que trabalham em uma tradição crítica marxista¹³. E podemos ver os exemplos mais óbvios na África Central, onde essas megaigrejas surgiram no lugar de formações estatais para oferecer serviços públicos de vários tipos que as pessoas realmente precisam. E essas igrejas também estão ensinando antigênero ao mesmo tempo em que fornecem transporte, assistência médica, educação e abrigo. Em outras palavras, em uma sociedade que foi dizimada do financiamento social apoiado pelo Estado para bens públicos básicos e serviços humanos, certo? Quando os estados não podem mais fazer isso, as igrejas surgem no lugar dos estados para assumir as funções governamentais básicas. E isso significa que os ensinamentos de moralidade da Igreja estão vinculados aos serviços que ela oferece. As pessoas se tornam cada vez mais dependentes da família e da igreja, agradecendo e aceitando sua autoridade. E acho que podemos dizer que isso também é verdade na América Latina, em lugares onde o neoliberalismo efetivamente dizimou os serviços sociais e os bens públicos. Portanto, não sei se Fraser pode levar isso em conta. Talvez ela possa. Mas o modelo do tipo reconhecimento ou redistribuição pressupõe que já existe uma autoridade. Ela está reconhecendo ou redistribuindo, ou há alguma forma de poder em que essas duas coisas estão acontecendo, geralmente dentro de uma estrutura nacional, se não me engano. Mas também estamos falando de uma tendência transnacional de neoliberalização. E acho que as formas neoliberais de dizimação aumentaram o poder da igreja e o poder religioso de forma mais ampla, de maneiras que têm efeitos concretos sobre as políticas de gênero e sexuais e sobre a política de educação. Não sei se conseguiria operar dentro do modelo oferecido por Fraser e levar tudo isso em consideração.

B&JM: Excelente. Também queríamos falar sobre a noção de coalizão, porque o livro argumenta que a formação de uma coalizão parece ser a única maneira de derrotar movimentos como o da ideologia antigênero. Como leitores do seu trabalho, percebemos que as coalizões têm sido um interesse e uma preocupação para você há algum tempo. E você já observou, desde *“Problemas de Gênero”*, que as coalizões não podem ser definidas antecipadamente pelos teóricos. O que o teórico pode fazer é aprender com as coalizões já existentes no mundo. E em *“Quem tem medo do gênero?”*, você menciona o exemplo do movimento latino-americano *Ni Una Menos*. Então, o que podemos aprender com esse movimento ou com outros movimentos no mundo, talvez na América Latina ou em outro lugar, para tentar resistir à ideologia antigênero?

JB: Estamos em um momento histórico muito difícil agora, para dizer o mínimo, já que temos neste momento poderes fascistas agindo contra imigrantes e estudantes internacionais, desafiando tanto o direito constitucional quanto o internacional. Quero dizer, não é qualquer coalizão que serve. Não sou a favor da coalizão como

¹³ NT: Refere-se a Cooper (2017).

tal. Mas acho que um grupo como o *Ni Una Menos* é extremamente importante porque elas são principalmente feministas, certo? Mas são feministas com uma forte crítica ao capitalismo e uma compreensão teórica de como o neoliberalismo funciona em relação à história do capitalismo, mas também de como a dívida funciona como uma nova forma de escravidão e desigualdade, de submissão aos poderes do Estado e dos bancos, para os pobres e para os trabalhadores, como mostram Verônica Gago e Luci Cavallero¹⁴. As coalizões funcionam bem quando todos estão atentos à história da violência e da ditadura do Estado e compreendem o desejo das corporações de acelerar a precariedade. E me parece que os movimentos feministas que surgem no antifascismo ou em épocas pós-ditatoriais muitas vezes são mais abertos a grandes formações de coalizão, porque guardam a memória de como a ditadura foi superada.

Em um lugar como o Reino Unido, que é sempre presumivelmente imperial, pode haver feministas antitrans que não se aliam a ninguém, certo? Que estão apenas mantendo sua posição firme. E esse é o tema, a identidade e a demanda ou reivindicação política delas. E a razão disso, como *Ni Una Menos* sabe, é que os poderes do Estado, dominados por políticas reacionárias, oprimem gays, lésbicas, trans, travestis, mulheres de todos os tipos, migrantes, indígenas, despossuídos, sem-teto, pobres, e se voltam contra todas essas pessoas, certo? Veja quem foi preso durante a ditadura, você sabe, comunistas e gays, feministas marxistas e pessoas trans. Portanto, se observarmos como a violência social funciona, tanto a violência não estatal, como na rua ou em casa ou em instituições como prisões ou escolas, veremos padrões de violência que afetam todos os tipos de pessoas que são indiscutivelmente vulneráveis e precisam de proteção legal, cultural e econômica contra a violência. Portanto, é muito difícil quando você entende que a violência funciona dessa forma e tem funcionado dessa forma; ela pode, ela faz, ela ainda pode. Se as coalizões são rejeitadas em favor de um identitarismo estreito, surgem certas contradições inconcebíveis: como é possível dizer, por exemplo, “sou contra o assédio às mulheres, mas sou a favor do assédio aos imigrantes”, ou “sou contra o assédio às mulheres, mas excluo todas as mulheres trans que são assediadas”? São distinções sectárias e sem esperança, que consideram a identidade não apenas como um ponto de partida para a política, mas como o objetivo final, o que considero um erro terrível. A identidade funciona apenas como um ponto de partida para uma forma de coalizão que de fato repense e transforme a identidade, permitindo que ela se torne uma forma de devir em meio a novas relações. Transforma a identidade. E isso permite que você se reposicione em um conjunto de relações sociais em expansão. Portanto, a política da identidade precisa dar lugar a um relato não egológico da identidade como algo relacional. E há poucas coisas que são mais importantes neste momento, especialmente porque temos de contemplar uma aliança antifascista ou uma aliança antiautoritária, dependendo de como vemos as coisas. E temos que ter uma visão para isso, que é poderosa e convincente. E, neste momento, um dos motivos pelos quais é tão difícil é que a direita conseguiu colonizar a imaginação, alcançar as pessoas onde elas sentem

¹⁴ NT: Refere-se a Cavallero e Gago (2020).

seus medos ou anseios mais profundos, incluindo uma nostalgia furiosa por um tempo anterior que talvez nunca tenha existido. Eles podem alcançar as pessoas lá. Onde podemos entrar em contato com as pessoas? Sabe, como acadêmico, eu poderia dizer: “Tudo bem, posso entrar em contato com você, mas preciso de várias horas do seu tempo e você tem que seguir meu argumento”. E talvez isso não seja um problema. Quero dizer, isso é bom. Eu ainda quero fazer isso. Mas o nível em que isso deve ser combatido deve envolver um anseio por um futuro diferente, fazendo perguntas como: Em que tipo de mundo você quer viver? Qual é a nossa imagem de convivência? Qual é a nossa imagem da Terra em que vivemos ou de nossos pertences comuns ou aspiracionais? O que seria atraente para as pessoas? E isso teria de emergir de um tipo de esquema de coalizão ou de uma aliança transnacional que teria de ser multilíngue, mas também teria de oferecer um imaginário muito poderoso que os movesse e os compelisse no nível em que estão sendo compelidos agora pela direita. Portanto, não estou pedindo propaganda. Na verdade, estou dizendo que podemos ser a favor da democracia, podemos ser a favor da democracia radical, podemos ser a favor da desterritorialização, ou talvez tenhamos todos os tipos de objetivos de esquerda. Mas onde estão esses objetivos na vida encarnada [*embodied*] das pessoas? Essa é uma noção de Saba Mahmood, certo?¹⁵ É como se os princípios aos quais você se apega não fossem apenas abstrações, você os corporifica [*embody*] em sua prática. E como corporificamos os princípios que queremos ver realizados no mundo? E como convencemos as pessoas a corporificá-los conosco? Creio que se formos capazes de alcançar as pessoas nesse nível, teremos mais chances.

B&JM: Uma espécie de política visceral de esquerda?

JB: Bem, sabe, não gosto de “visceral” porque ele tende a pressupor a separação entre o visceral e o cognitivo, sou contra essa forma de cartesianismo. Quero que vivamos nossos princípios de forma corporificada. Portanto, para mim, essa corporificação não pode ser reduzida a vísceras separadas da interpretação, do princípio ou mesmo da visão. Eles estão unidos. O corpo não é um veículo para o pensamento, nem é totalmente diferenciado do pensamento.

Em geral, acompanho e registro o que está acontecendo nos movimentos sociais, mantendo os ouvidos atentos e participando, entendendo como as pessoas explicam sua experiência, de onde vêm e o que querem para este mundo. O livro “*Quem tem medo do gênero?*” é dedicado aos jovens porque, há mais ou menos uma década, tenho tido de ouvir os jovens sobre questões de gênero¹⁶. E, vocês sabem, há uma espécie de segunda história de como esse livro surgiu. Não é apenas o episódio do Brasil. É também a desorientação geral das pessoas da minha idade em relação aos tipos de preocupações sobre as quais os jovens falam hoje. Ouço amigos e colegas dizerem: “Meu Deus, sabe, o que eles estão dizendo? E o que são esses termos? Tenho que dar uma olhada”. Faço parte do mundo dos pronomes (na verdade, todos nós fazemos) e, ao mesmo tempo, também estou constantemente em desorientação e em aprendizado. Ao mesmo tempo, o movimento da ideologia

¹⁵ NT: Consulte Mahmood (2005).

¹⁶ NT: A dedicatória do livro é: “Para os jovens, que ainda me ensinam”.

antigênero ou os meios de comunicação que absorveram a sua linguagem me dizem: “Ah, você começou isso, Butler”. Para mim, sei que não comecei nada disso, não apenas porque meu trabalho surgiu em meio a um conjunto de trabalhos feministas que teorizaram amplamente o gênero, como Joan W. Scott, mas porque, mesmo agora, nem sempre consigo acompanhar o que está acontecendo com o gênero. Estou estudando isso porque sou estudante desse movimento social, do qual sempre fui apenas uma parte.

B&JM: Acho que a tradução pode ser um tema interessante a ser abordado agora. Ele também é um tema muito antropológico. Sabe, nós, antropólogos, estamos acostumados a chegar a uma determinado ambiente histórico-cultural e nos perguntarmos: “Ok, como eles definem gênero aqui? Vamos entender as palavras vernáculas e seu uso”. E então debatemos questões de equivalência, e estamos cientes hoje de como as relações de poder e as assimetrias fazem parte da tradução, como o próprio colonialismo funcionou e funciona por meio da tradução e até mesmo por meio da construção daquilo que é vernacular ou “nativo”, certo? A política da cultura e da linguagem é tudo isso. Portanto, achamos que há todo um esforço antropológico muito interessante que você faz neste livro e ele adquire um viés prático porque visa a construção dessa coalizão ou desse tipo de universalismo aspiracional, que é mais um efeito das relações do que uma posição predefinida. Isso definitivamente inclui um envolvimento específico com a linguagem, com os conceitos e com a tradução.

Além disso, somos duas pessoas que trabalham fora da anglosfera, e é interessante que essa palavra apareça em seu livro, porque frequentemente a vemos fora da anglosfera. A anglosfera raramente pensa em si mesma como uma esfera, como um mundo situado. Mas fora da anglosfera, estamos muito familiarizados com o argumento de que o gênero é uma coisa inglesa e americana, como você disse, na França, por exemplo. Mas há uma afirmação interessante em seu livro, uma linha interessante que diz que o gênero é estranho ao próprio inglês. Portanto, gostaríamos de saber mais sobre esse argumento em particular, porque ele poderia ressoar de maneiras interessantes no mundo francófono do Québec e também no Brasil.

JB: Sim. Bem, gostaria de fazer algumas observações. Uma delas é que, quando comecei esse projeto, para entender o movimento da ideologia antigênero em diferentes partes do mundo, entrei em contato com todos os meus tradutores. E meus tradutores, aqueles que traduziram meu trabalho sobre gênero, são, é claro, acadêmicos por direito próprio, ativistas e vêm de diferentes áreas. Por isso, pedi a todos eles que me enviassem material de suas regiões, que me contassem o que está acontecendo. Assim, a Carla Rodrigues, do Brasil, e muitos outros, me enviaram muitos materiais publicados e eu tive de ler também, às vezes em espanhol, que não é realmente um dos meus idiomas, embora eu saiba ler em espanhol. Tive que ler em provavelmente três idiomas diferentes, tentando entender o que estava acontecendo ou ligar para pessoas que soubessem coreano ou chinês para me orientar nas etapas. E essa foi uma grande parte do processo, porque, ao traduzir um livro sobre gênero do inglês para qualquer idioma, percebemos que ocorrem distúrbios profundos e alguns momentos de completa e total intraduzibilidade.

Isso simplesmente não funciona. O gênero não pode ser um substantivo, em primeiro lugar, um substantivo que possa servir como resposta à pergunta: que gênero você é? Eu sou desse gênero. Pertenço a essa categoria. É uma inflexão, digamos, de um verbo, como acontece na maioria dos idiomas do leste asiático. Ou você tem uma palavra como *genre* (francês) ou *género* (espanhol) ou *Geschlecht* (alemão), que fazem parte de longas histórias conotativas, histórias completamente diferentes daquela de que estou falando, que surge, digamos, na antropologia feminista nos anos 1970, após a cunhagem de John Money e seus clínicos. Então, sabe, eu conto uma certa história a partir de onde estou, mas outras histórias se cruzam com meu trabalho de forma que me ensinam qual é a vida multilíngue desse conceito e como ele não pode ser controlado por nenhuma intenção autoral que surja no idioma de origem.

Acho que, na verdade, uma boa política de gênero, ou seja, uma política verdadeiramente anti-imperialista, que se preocupe com as culturas locais e com o uso linguístico estabelecido, teria de honrar os momentos de intraduzibilidade e também teria de ser multilíngue e transnacional, ambos, a fim de superar as histórias coloniais e imperiais que privilegiaram o inglês como o único idioma em que ocorre o verdadeiro pensamento. Quero dizer, mais uma vez, há potências imperiais como a França, onde você também encontra pessoas que dizem, bem, uma afirmação só é verdadeira, um pensamento só é um pensamento verdadeiro, se puder ser pensado em francês. [risos] Mas, sabe, existe esse tipo de arrogância nas línguas imperiais, em que falar nesta língua é finalmente ter acesso à verdade e tudo o mais, para ter acesso à verdade, tem de ser traduzido na direção imperial. Mas, de fato, o que mais precisamos é traduzir reciprocamente e aprender com as traduções do que não é traduzível nas epistemes linguísticas das ordens imperiais. Isso é necessário se quisermos chegar perto do que as várias línguas chamam de gênero na anglosfera. E, às vezes, temos de abandoná-lo como conceito. Quero dizer, é uma característica infeliz deste livro que, como tenho de lutar contra o movimento da ideologia antigênero, acabo defendendo o gênero. Eu preferiria muito mais pensar sobre o que ele tem sido, seus limites e seu futuro. Mas não quero fazer isso se isso implicar em arrogância monolíngue. Há algo no que o Papa Francisco diz sobre este tema que está certo. Ele apenas entendeu errado, ou usou essa linguagem anti-imperial para o propósito errado. E acho que há outras formas de criticar o gênero, podemos ver isso em perspectivas extraídas da história da escravidão e do racismo nos EUA e em todas as áreas afetadas pelo comércio de escravos, onde o gênero é sempre presumivelmente branco e onde as mulheres negras, em particular, no sentido de Hortense Spiller, não são admitidas como gênero, elas são apenas carne ou a parte de trás sobre a qual o gênero branco é construído¹⁷. Da mesma forma, acho que há uma história colonial que nos permite saber que o gênero foi imposto por missionários cristãos em várias partes do mundo, aprendendo a ser homem e mulher de acordo com certas normas imperiais¹⁸. E, de acordo com esse esquema, ser antigênero é ser

¹⁷ NT: Veja-se, por exemplo, Spillers (1987).

¹⁸ NT: Veja-se, por exemplo, Oyewùmí (2021).

anti-imperial, o que eu entendo perfeitamente. Mas qualquer política de gênero que avance não só teria de ser transnacional e multilíngue, como também teria de ser anticolonial, certo? Teria de mostrar, teria de expor as versões coloniais do binário de gênero, a família heteronormativa que foi imposta à vida das pessoas, a fim de superar isso e permitir um terreno mais complexo no qual as línguas locais e as tendências transnacionais mais amplas estejam de fato interconectadas de maneiras interessantes e muitas vezes surpreendentes.

B&JM: Gostaríamos de tratar do conceito de “coconstrução” [*coconstruction*] utilizado no livro, especialmente no capítulo 8. Há muito debate em torno do seu trabalho anterior sobre gênero que trata do modo com que você lida com a categoria sexo via teoria da performatividade, uma noção de performance de origem linguística, mesmo que corporificada. Em *Quem tem medo do gênero?* você parece expandir um pouco o seu quadro anterior ao abordar a categoria sexo por meio da noção de coconstrução, utilizando um paradigma ecológico para repensar o que chamamos de natureza. Ao fazer isso, você também reconstrói a conexão entre os estudos do gênero com as ciências biológicas, certo? Mas com um tipo específico de ciência biológica, como aquele proposto por Anne Fausto Sterling, que admite a plasticidade, a complexidade, a contingência histórica dos organismos. As ciências biológicas são um ator importante na coalizão incentivada pelo seu livro?

JB: Bem, se estivermos interessados em combater as formas de reducionismo biológico, do tipo que vemos nas feministas antitrans, mas também nas novas formas de racismo biológico, precisamos apresentar as formas de ciência que de fato nos permitem entender o que foi chamado de desenvolvimento, o desenvolvimento biológico, não como uma teleologia, não como um movimento em direção a uma perfeição cada vez maior, mas sim como um conjunto de interações com ambientes vivos que possibilitam diferentes trajetórias humanas. As estruturas de coconstrução dentro da ciência são aquelas em que não podemos mais presumir que podemos perguntar sobre a determinação biológica sem entender a interação da biologia com a determinação cultural ou ambiental. Quero dizer, elas não podem mais ser tratadas como duas estruturas monocausais diferentes, sem entender a interação entre elas. E, de fato, se você aceitar a ideia de que um código genético não pode ser ativado fora do contexto da interação com fatores epigenéticos, isso significa que você não pode ser um determinista genético, pois o gene nem sequer começa a agir até que seja provocado por uma interação ambiental. Portanto, acho isso interessante. Acho que isso nos leva além das oposições tolas entre Natureza e Cultura que afetaram alguns pensamentos estruturalistas anteriores, inclusive o pensamento feminista estruturalista.

Quando considero o sexo como algo atribuído, significa dizer que alguém recebe uma categoria de uma autoridade de algum tipo. Isso não significa que esse corpo é criado unilateralmente por meio dessa categoria, mas significa que um certo enquadramento e interpretação já estão em andamento, pois algumas características materiais do corpo estão sendo identificadas. Não há como identificá-las sem também interpretá-las. Isso, é claro, é especialmente o caso da atribuição de sexo, em que toda a questão, se é menino, se é menina, é um local de superdeterminação.

Acho que a atribuição de sexo se torna mais importante neste livro, embora eu já tenha falado sobre isso antes. E acho que isso talvez dê um significado mais concreto à frase em “*Problemas de Gênero*”, algo como... “sexo era gênero o tempo todo”.¹⁹ O que quero dizer aqui é simplesmente que, mesmo no ato da designação de sexo – que não é um ato único, a propósito, já que a designação de sexo, assim como a redesignação de sexo, está acontecendo o tempo todo – há certas características culturais, sociais e institucionais de poder que estão operando no próprio ato da designação. Portanto, no exato momento em que dizemos “essa é uma realidade material produzida por meio dessa categoria”, estamos apenas interpretando e mostrando que não podemos desarticular a materialidade de sua interpretação categórica. Não estamos dizendo que uma causa unilateralmente a outra, mas que cada uma é a condição necessária para que uma materialidade interpretada surja na esfera da aparência. Por que deveria ser de outra forma? Esse é o mundo em que vivemos. Isso certamente não nega a materialidade, apenas diz que só temos acesso a ela por meio de certos tipos de designações e que elas mudam e são variáveis.

E vemos na história da biologia e na determinação do sexo, especialmente em animais, insetos e seres humanos, que as estruturas para a atribuição do sexo mudaram e também foram perturbadas pelo campo dos corpos que não são prontamente identificáveis ou designáveis. De fato, no trabalho de John Money, quando ele se deparou com pessoas intersexuais, não sabia qual era o sexo delas ou qual a melhor maneira de decidir sobre essa atribuição, e isso se tornou para ele um problema de gênero, o que significa que o gênero era, antes de tudo, o problema de como atribuir o sexo. Não era o mesmo que sexo atribuído. O gênero não era o sexo atribuído, mas surgiu primeiro como um problema e uma reflexão sobre o esquema ou a estrutura para tomar decisões desse tipo. Qual é o critério usado para a atribuição de sexo? Ele é correto? Ele muda ao longo da história e da cultura? Money agiu de forma errada porque impôs cirurgias a pessoas que não estavam dispostas e cientes a refazer seus corpos em conformidade com aquelas normas. Acho que sua prática foi profundamente antiética. Ao mesmo tempo, ele permitiu que pelo menos algumas pessoas começassem a pensar que “ah, existe um esquema classificatório no qual ocorre a atribuição de sexo” – como explicamos ou avaliamos isso? E isso às vezes pode funcionar, ou seja, efetivamente fazer uma atribuição, e outras vezes não, o que significa que não está totalmente alinhado com o sexo material, ou com a maneira como o sexo material é vivido, que supostamente está designando. Às vezes, o corpo resiste à designação, e esse não é apenas o caso de bebês intersexuais, mas também quando uma designação se mostra errada por vários motivos. Uma designação é superada ou uma designação é perdida ou uma designação abre um tipo de distúrbio no nível da realidade vivida que não é habitável. E se começarmos a entender isso, acho que teremos corações mais abertos em relação às pessoas trans e às pessoas que

¹⁹ NT: “Se o caráter imutável do sexo é contestado, talvez esse construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; na verdade, talvez ele sempre tenha sido gênero” (Butler, 1990, p. 11).

não se conformam com o gênero, pois teremos uma compreensão mais complexa do gênero como materialidade vivida.

B&JM: Estamos cientes do tempo, e você foi muito gentil conosco. Cobrimos praticamente tudo, mas, ao mesmo tempo, estamos em novembro de 2024 e há um genocídio em curso no Oriente Médio. E o livro menciona a Palestina em alguns momentos. Você também já escreveu sobre Israel e o *pinkwashing* do seu poder colonial através de um uso estratégico da retórica progressista. É um salto e tanto, mas queríamos abrir essa porta para que você se manifestasse sobre a situação em curso em Gaza.

JB: Bem, há muitas, muitas coisas a dizer, tenho certeza. Acho que a ligação entre este livro e a Palestina talvez esteja na discussão sobre o fascismo e as paixões fascistas, que é algo que estou tentando trabalhar agora. Sugiro que as paixões fascistas são aquelas que, pelo menos em nossos tempos, estão ligadas a estratégias de eliminação, mas também à retirada de direitos, característica dos regimes fascistas ou autoritários. Portanto, pessoas trans, migrantes, pais homossexuais, todos eles podem ser privados de direitos, mas isso não significa que serão deportados ou mortos. E, no entanto, como sabemos pela história do fascismo, ele geralmente começa com uma retirada gradual de direitos, direitos de cidadania, direitos de autodeterminação para pessoas trans ou jovens trans, direitos para as mulheres garantirem um aborto para si mesmas, o que seria o direito de fazer o que quiser com seu próprio corpo e poderes reprodutivos. Estamos vendo muita retirada de direitos nos EUA, mas o que estamos vendo na Palestina não é apenas a retirada de direitos, mas um claro projeto de eliminação, um genocídio que é definido da forma como Rafael Lemkin o concebeu na Convenção sobre Genocídio como envolvendo o ataque e a destruição das infraestruturas da vida, não apenas a morte de pessoas, mas a destruição de todas as infraestruturas institucionais desse povo necessárias para a reprodução da própria vida.

Mas também vemos outra coisa, que acredito ser fundamental para as paixões fascistas em nosso tempo – o júbilo que acompanha o sadismo desenfreado e descarado. Quero dizer, acho que estamos familiarizados com a ideia de que as pessoas podem ter impulsos sádicos ou até mesmo realizar ações sádicas, mas geralmente com uma capa ou disfarçando-se como se estivessem fazendo algo moral, ou disfarçando-se como se estivessem fazendo algo bom. Mas me parece que os fascistas que surgiram recentemente e as paixões fascistas que estão percorrendo várias populações são aquelas em que a destruição descarada da vida à vista do público global, online, é um tipo de genocídio diferente de outros que conhecemos ou acompanhamos, pelo menos nos séculos XX e XXI. Isso aparece nos soldados israelenses que comemoram o desmembramento e a morte de palestinos com músicas, danças e cantos. Eles têm orgulho de suas mortes e querem expô-las em vez de escondê-las. De fato, a matança deve ser exposta e a matança só é significativa se for exposta. Portanto, há uma busca por exposição por parte dos envolvidos na destruição sádica que a torna radicalmente desavergonhada e, nesse sentido, também radicalmente estimulante, certo? Porque eles estão vivendo em uma zona livre de vergonha, onde o sadismo não só pode andar livremente, mas

é exaltado e parabenizado por sua capacidade de violar a lei, certo? Então, se você dissesse: “Ah, os israelenses deveriam ter vergonha porque estão violando a lei internacional, cometem genocídio, crimes contra a humanidade, violaram as leis internacionais relativas ao tratamento adequado dos colonizados”. A resposta é sim, sim, sim, eles violaram todas essas leis. Mas aqueles que cometem o genocídio não se preocupam com isso, porque se sentem realizados e com direito de violar todas essas leis a serviço de uma ideia de “autodefesa”. E vemos uma versão disso em Trump, onde ele sabe que é absolutamente errado dizer que uma mulher é isso ou aquilo, ou realizar uma deportação em massa, ou que ele está violando a lei internacional ou que ele mesmo violou leis. Mas é a transcendência entusiasmada da lei, da moralidade e da vergonha que faz parte do fascínio. As pessoas olham para ele e dizem: “Olha aquele cara, ele não se importa com a existência da lei. Olhe para aquele cara, ele não se importa que isso seja imoral. Olhe para aquele cara, ele está disposto a fazer qualquer coisa. Ele não vai se limitar. Ele não será limitado pela vergonha ou pela lei. Não, nada disso. Ele é radicalmente livre. Ele representa uma libertação. Vamos apoiá-lo. Eu também quero isso em minha vida”. Não se trata apenas do fato de transgredirem momentaneamente um limite moral. Há um enorme apoio a essa transgressão. É uma espécie de liberdade radical para transgredir todos os limites morais. Portanto, acho que os genocídios acontecem porque o mundo permite que eles aconteçam. E todos nós, especialmente nos EUA, aqueles de nós que são cidadãos, somos cúmplices e teríamos sido cúmplices com a vitória de Harris e seremos cúmplices com a vitória de Trump. E, nesse sentido, os democratas e os republicanos não são diferentes uns dos outros, o que é mais um motivo para deixar o partido democrata implodir e encontrar uma nova aliança de esquerda que seja mais poderosa. De qualquer forma, é isso que eu penso.

Gostaria apenas de acrescentar. Há um masculinismo em algumas dessas coisas, sabe, que eu acho que é realmente importante para entender esse estimulante e esse nome impróprio: a “liberdade fascista”. O feminismo também é seu inimigo absoluto, assim como a não violência, assim como o direito internacional e a diplomacia, quero dizer, todas essas coisas ostensivamente “afeminadas” estão sendo destruídas por meio de um tipo de masculinismo militarista, do qual as mulheres também podem participar, certo? Não se trata de uma característica natural. Mas acho que estamos vendo o ressurgimento de uma forma totalmente destrutiva de masculinismo político que vai derrubar imigrantes, muçulmanos, negros e pardos, pessoas trans, feministas, mulheres, todos eles, todos eles. Acho que temos de ser muito cuidadosos ao ouvir o apelo de Trump para a deportação em massa. Isso é um deslocamento forçado de uma população. Bem, isso está acontecendo em Gaza. Está acontecendo todos os dias, vários deslocamentos, a qualquer hora do dia. Qual é a conexão entre essas formas de deslocamentos múltiplos e forçados e o que está acontecendo também nas fronteiras da Europa e na fronteira sul dos Estados Unidos, e em algumas das fronteiras intermediárias no hemisfério sul?

Nossa tarefa talvez seja vincular essas formas de poder: retirada de direitos, destituição, morte por negligência ou genocídio, deportação e deslocamento forçados, detenção e prisão em condições ilegais, destruição da terra, intensificação dos diferenciais de riqueza, perda da educação e da universidade... poderíamos

continuar. Mas precisamos ir além da lista para entender suas relações interligadas. Quando o fizermos, teremos o mapa de uma nova solidariedade.

Referências

- BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.
- BUTLER, Judith. **Who's Afraid of Gender?** New York: Farrar, Straus and Giroux, 2024.
- CAVALLERO, Luci; GAGO, Verônica. **Uma leitura feminista da dívida**: vivas, livres e sem dívidas nos queremos! Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2020.
- COOPER, Melinda. **Family Values**: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism. New York: Zone Books, 2017.
- KLEIN, Naomi. **Doppelganger**: a Trip into the Mirror World. London: Allen Lane, 2023.
- MAHMOOD, Saba. **Politics of Piety**: The Islamic Revival and the Feminist Subject. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- ROSE, Jacqueline. **Sexuality in the Field of Vision**. London: Verso, 1986.
- SPILLERS, Hortense J. Mama's Baby, Papa's Maybe. An American Grammar Book. **Diacritics**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 64-81, 1987.

Bruno Reinhardt

Doutor em Antropologia pela Universidade da Califórnia, Berkeley, e professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua pesquisa tem se concentrado na antropologia da religião e do secularismo, com trabalhos etnográficos realizados no Brasil e em Gana. Suas publicações têm explorados temas como subjetivação, ética e agência, tradição, poder e autoridade, linguagem, corpo e materialidade, e a relação entre tecnologias de mídia e mediação cultural.
Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Câmpus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.
E-mail: bmnreinhardt@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3853-5927>

Jean-Michel Landry

Professor associado de Antropologia na Carleton University. Seu projeto de livro, *Territories of Learning*, baseia-se em uma tese de doutorado (UC Berkeley) que recebeu um prêmio da Association of Middle East Anthropology (2017). Seus trabalhos foram publicados nas revistas *American Ethnologist*, *CSSAME*, *Telos*, *L'Homme* e *The Immanent Frame*.
Endereço profissional: Department of Sociology and Anthropology, B750 Loeb Building, Carleton University, 1125 Colonel By Drive, Ottawa, ON, K1S 5B6.
E-mail: jean-michel.landry@carleton.ca
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2324-1723>

Como referenciar esta entrevista:

REINHARDT, Bruno; LANDRY, Jean-Michel. Ideologia Antigênero, Cenas Fantasmáticas e Paixões Fascistas: entrevista com Judith Butler. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e105734, p. 104-126, maio de 2025.